

historia: fronteiras



Vol. I

Eunice Nodari
Joana Maria Pedro
Zilda M. Gricoli Iokoi
(organizadoras)



Volume I

História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

Humanitas
FFLCH/USP

1999

TUCÍDIDES E ÉDIPO EM UM MUNDO INVESTIGANTE: AS FRONTEIRAS DO MÉTODO

Francisco Marshall
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

As relações do discurso historiográfico clássico, particularmente o de Tucídides, com o ambiente cientificista do século V, desde bastante tempo chamaram a atenção dos historiadores; a preocupação que inaugura esta vertente diz respeito diretamente à própria estruturação da História como disciplina acadêmica, tal como processada ao longo do século XIX, sob os cuidados dos assim chamados historiadores cientificistas, por vezes rotulados de “mestres positivistas”. É com Droysen e Ranke, e mais tarde com Langlois e Seignobos, que se forma e se consolida a imagem de um Tucídides rigoroso na definição e aplicação do método, modelo ótimo para a historiografia escrupulosa que então se projetava¹. Desenvolver esta imagem de cientificidade permitia ainda revigorar, no contexto epistemológico próprio do século XIX, uma referência clássica fundamental, modelar no mundo antigo, de Políbio (séc. II a.C.) a Amiano Marcelino (séc. IV d.C.), fundamental para o humanismo renascentista de Flavio Biondo e Lorenzo Valla e sempre referencial para a modernidade: a referência de Tucídides como modelo da historiografia.

Dessa fortuna crítica de Tucídides no século passado decorreu e projetou-se em nosso século o reconhecimento por sua maestria metodológica, algo que, com os avanços da análise de discurso e demais metodologias de tipo fenomenológico produzidas desde o início do século, prosperou sob a forma de uma nova leitura, em que se passa a valorizar cada vez mais os nexos semânticos e epistemológicos que relacionavam Tucídides ao contexto de Atenas da segunda metade do séc. V, no que aquele

contexto apresentava de cientificista. Deste movimento decorrem interpretações relacionando-o à sofística clássica, ao mundo jurídico e mais intensamente à medicina, em uma bibliografia que tem em Charles Norris Cochrane² uma expressão mais elaborada, inscrita em um campo de leitura que se desenvolve até bem recentemente, como na obra de Torry James Luce³, em que se refaz longamente o escrutínio das relações entre história e ciência no contexto clássico. Neste ínterim, de Arnaldo Momigliano e Jacqueline de Romilly a Paulo Butti de Lima⁴, toma-se como fundamental a relação de Tucídides com o contexto daquela *polis* em que mestres sofistas projetavam-se e com aquele momento em que as teorias médicas de Hipócrates ganhavam a luz. Contexto também de Eurípides e de Péricles, nota-se sempre, mas acima de tudo o contexto em que o método investigativo destacou-se como produto cultural de vanguarda.

A citada obra de Cochrane, até hoje referencial, chegou a ser denunciada diretamente por Moses Finley como “grotesca”, por se apresentar demasiado espessa em analogias entre os métodos de Tucídides e de Hipócrates. Ambos estes investigadores, diz *Cochrane*, baseavam-se em “semiologia” e “prognose”⁵, o que implicaria uma suposta pertença ao mesmo fundamento metodológico. Tal tema das correlações epistemológicas fora predileto da já referida historiografia cientificista da segunda metade do século XIX, ela própria ansiosa pela imagem de rigor metódico associada às ciências puras e à medicina. Movendo nosso foco para um outro documento que por ser contemporâneo de Tucídides expõe-se ao mesmo tipo de contextualização, pode-se ler uma manifestação extremada deste tipo de concepção na interpretação do *Édipo Tirano* de Sófocles publicada por B.M.W. Knox em 1956, o hoje clássico *Oedipus at Thebes*, onde o drama de Sófocles é lido sob as lentes do ambiente histórico do final do século V em Atenas, descrito por Knox como a era do iluminismo helênico⁶. No texto de Knox, mais do que a inserção do *Édipo Tirano* neste contexto, destaca-se a identificação e descrição de um contexto cultural em que o texto de Sófocles se apresentava como tipo exponencial, como expressão de um ambiente comunicativo de tal modo poderoso que imprimia sua marca em di-

versos tecidos semânticos e produtos da narrativa. Daí decorreu a aproximação de vocabulários e posturas epistemológicas entre o Édipo investigador de Sófocles e o Tucídides amante do método, como também entre outros criadores de vanguarda, igualmente afetados, aponta Knox, por este traço genérico dos tempos, caracterizado pela força do discurso cientificista.

O convite a essa interpretação contextualizadora é tentador, vocabulários são efetivamente compartilhados e intenções transitam proximamente, permitindo ao intérprete aventurar com certo suporte a tese do parentesco metodológico entre História e Medicina, ou mesmo entre a História e outras áreas ditas “científicas”. Como proposta por Knox, esta hermenêutica das metodologias e suas terminologias implica na percepção de um contexto semântico composto, mas fechado sobre si, um ambiente histórico dado, em que a interpenetração de sentidos, significados e significantes atuam intensamente, o que hoje podemos descrever também como o fenômeno da intertextualidade. Neste tipo de leitura, a relação entre diferentes registros discursivos importa na medida em que traz à tona similaridades e identidades entre autores e textos, podendo-se inferir disto a força superior de um fundamento cultural imanente.

Em grande parte motivado pelo evidenciamento muito persuasivo e pelas possibilidades oferecidas à interpretação histórica, eu mesmo, em minha tese de doutorado⁷, concedi bastante à exploração dos nexos que correlacionam o texto do *Édipo Tirano* de Sófocles ao universo da investigação médica, assim como a outros discursos seus contemporâneos, aí compreendendo-se também a retórica e o direito; quanto à medicina, entretanto, jamais pude perceber mais do que certas partilhas de vocabulários e de procedimentos genéricos, sendo muito mais clara a proximidade havida entre o discurso sofocleano (no *Édipo Tirano*) e a prática investigativa forense, de tipo judiciário; as correlações do Édipo Tirano com o discurso médico revelam uma certa relação de atenção a temas e vocabulários utilizados por Hipócrates, mas nem de longe se evidencia aí uma mimese dirigida da ação médica, ou uma partilha e intercâmbio de significados expressiva.

Com relação ao mundo judiciário, algo diverso se passa, pois sendo esta uma tragédia devotada fundamentalmente à investigação de um crime e à descoberta de uma verdade pretérita, zelo judicial e história entrecruzam-se ostensivamente, fazendo com que procedimentos típicos do mundo histórico, mimetizados livremente pelo dramaturgo, componham a imagem de uma investigação rigorosa e consistente. Neste campo, Gottfried Greiffenhagen, historiador alemão do direito grego, fez larga colheita, descobrindo no tecido dramático e discursivo do *Édipo Tirano* numerosas analogias diretas com procedimentos judiciais típicos de Atenas e da Grécia antiga em geral⁸. Greiffenhagen valorizou especialmente as analogias com os procedimentos do direito criminal, em que se destaca o processo de investigação por assassinato, dito *antomosía*, seus juramentos de culpa e inocência, suas proclamações e interdições. As marcas da história judiciária sobre o tecido do *Édipo Tirano* são de fato gritantes, e aparecem tanto nos termos e fórmulas, lapidados por Sófocles sobre referências da tradição do direito ateniense, como também nas ações imitadas e ordenadas dramaticamente, ordenação esta produzida a partir de modelos de ação cuja sintaxe reside na prática real e histórica, no mundo cívico e jurídico das investigações⁹.

Ponderações como as de Greiffenhagen ajudam a compor e a pintar o quadro complexo e amplo de um universo comunicativo denso e relativamente fechado, evidenciando a pertença de um discurso pesado, como o do *Édipo Tirano*, a um universo cultural específico, datado e localizado precisamente. Neste quadro, o ambiente de Atenas no século V, mais intensamente em sua segunda metade, é muitas vezes percebido como um aquário ideológico e semântico, em que se atam e se correlacionam os discursos de Eurípidés, Tucídides, Antífon, Sófocles, Sócrates/Platão, Péricles, Anaxágoras, Lísias, Hipócrates e demais contemporâneos. A princípio, tal tipo de trabalho sobre o legado textual parece ser não apenas gratificante, posto que capaz de produzir percepções enriquecidas da história sincrônica e de transformações processadas sistêmica e diacronicamente no conjunto discursivo, mas também algo consistente enquanto alternativa conciliatória entre a história cultural e o historicismo analítico, por conjugar crítica

textual e contextualização cultural. Neste sentido, superam-se aí certos limites e impasses criados pelo exagero de crítica literária tradicionalmente aplicado à documentação histórica clássica, crítica esta raramente sensível aos imperativos da contextualização e comumente focada em autores e obras tidos como unidades culturais relativamente autônomas.

Considerando-se esse contexto interpretativo contemporâneo, o esforço de crítica voltado à percepção do fundo epistemológico comum a expressões discursivas como Tucídides e Hipócrates deve ser inegavelmente reconhecido como um paradigma interessante, cujo potencial ainda pode render muitos frutos em diversos roteiros interpretativos. A objeção que aqui ofereço para que possamos ponderar esta atitude metodológica diz respeito mais diretamente ao risco de se produzirem, em tais análises, *imbroglios* categoriais, em que categorias modernas se assenhoram do objeto examinado; o risco, mais diretamente, é o de se imporem ao século especializações disciplinares alheias ao contexto, projetando-se teleologicamente as particularizações do método. Rigorosamente, não há um campo especializado da história senão algumas décadas após a morte de Tucídides; efetivamente, Aristóteles foi o primeiro a tentar circunscrever disciplinarmente o domínio da história, discernindo-a da poesia, e Calístenes, contemporâneo de Aristóteles e historiador de Alexandre em suas campanhas, parece ter sido o primeiro a ganhar a vida na profissão de historiador (descontemos a atividade logográfica pré-clássica, cuja inserção social e caracterização epistemológica ainda nos é obscura). O próprio Tucídides, a quem tributamos o zelo de descrever um plano metodológico rigoroso, não se sentia confortável com a utilização do termo "História", nunca adotado diretamente para descrever seu discurso, cujo principal contendor, entretanto, é indicado como sendo o discurso mítico. As razões que opuseram Tucídides a Heródoto, e levaram aquele a recusar a sua identificação funcional como historiador autor de uma História, podem ter sido de estratégia tópica, para acentuar as diferenças com um concorrente famoso, mas demonstram sem dúvida como ainda havia margem para que se propusessem formas de narrativa desenvolvidas independentemente

mente de definição de gênero ou de rigorismo disciplinar ou profissional. Ou seja, a História, malgrado nosso cacoete de vê-la como produto da cultura clássica, pode até mesmo ter se constituído e ordenado epistemologicamente a partir da obra de Tucídides, mas não existiu como disciplina especializada no século V, apenas muito tempo depois. Por outro lado, o terreno para a reinscrição do discurso de Tucídides em outros campos da narrativa, incluindo aqueles voltados aos efeitos espetaculares de que o historiador tanto quis distanciar-se, encontra-se aberto desde a obra de Cornford¹⁰, um marco da moderna interpretação historiográfica. Nesta obra, a releitura da forma e da estrutura argumentativa de Tucídides leva à percepção de sua intensa relação com outras formas tradicionais do discurso correntes ao século V, como a retórica, a tragédia e, mais significativamente, o próprio mito, considerado então como fundamento cultural ainda plenamente vigente.

Em vista disso, mesmo reconhecendo o arrojo metodológico de tratar fenomenologicamente a historiografia clássica, aproximando-a de seu contexto epistemológico e identificando-a ao seu plano horizontal de expectativas e possibilidades, é prudente considerar que há limites nessa abordagem, limites de possibilidades formais.

Como nesta mesa tratamos das fronteiras teórico-metodológicos, conviria aqui pensar um pouco em todo o peso de juízos que temos imposto à história helênica, juízos que são consequência, na verdade, de condições inatas do método historiográfico, pois a História, enquanto método especializado de interpretação, traz em si uma carga de condicionantes epistemológicos pronta para vergar a coluna de homens e épocas, expostos ao peso da teoria e do método. Vamos desconsiderar as diferenças de fundo teórico entre as correntes historiográficas, pois estas se fazem sentir em qualquer área dos estudos históricos. Pós, pré ou semi-marxistas digladiam-se para dirimir seus próprios problemas terminológicos, empiristas insistem em remanufaturar velhas percepções com roupagens editoriais que mal encobertam o cheiro de mofo, enquanto outras vertentes que se pretendem mais abertas e interdisciplinares tentam abrir um campo nas

Ciências Humanas mais propício a uma visão integradora e inclusiva, associada aos estudos históricos. Mas, como disse, este descompasso entre bússolas modernas aqui não interessa; interessa, isto sim, tentar perceber onde e como nossos condicionantes epistemológicos se projetam sobre o mundo antigo, como nossos próprios fundamentos ontológicos e epistemológicos implicam na conformação de imagens do mundo antigo, no estabelecimento de limites e fronteiras calcados em nossa deontologia contemporânea.

Neste sentido, e considerando-se o tipo de tratamentos antes referido a Édipo, Tucídides e demais expoentes do século V, sobressai uma tendência à projeção de especializações disciplinares para o contexto da sociedade grega clássica; talvez iludidos pelo estilo taxonômico e escolar de Aristóteles, e utilizando este estilo como molde da perspectiva histórica, ou talvez meramente condicionados pela moderna divisão de trabalho das academias e suas terminalidades, muitos têm visto especializações disciplinares como Direito, História e Medicina, por vezes também Urbanismo e até Gramática, em um mundo em que as únicas especializações disciplinares efetivas parecem ser a retórica e a filosofia, ambas se interpenetrando mas também afirmando-se como roteiros de formação autônomos e legítimos no mundo da cidade.

A História, que vemos como disciplina fundada por Heródoto e fundamentada por Tucídides, aparece preferencialmente como um gênero de narrativa marcado por certa definição de objetividade, a princípio alheia ao fundamento transcendente das Musas, mas rigorosamente conforme a ordenações da narrativa tradicional¹¹. Não se tornou disciplina nem implicou em formação especializada senão em época moderna, e, portanto, não possui vocabulário próprio, senão aquele que os diferentes autores adotam e praticam, dentro de um certo circuito da tradição em que Tucídides é sempre uma matriz poderosa. Neste sentido é que se entende a preocupação de Finley ao criticar Cochrane, uma preocupação focada no exagero da representação do passado pelo presente, que no caso de Tucídides costuma marcar-se em sua promoção como núncio do rigorismo científico, integrando-se ao ideário contemporâneo.

O outrora cognominado “século de Péricles” e a cultura clássica, de um modo geral têm funcionado como uma espécie de laboratório do humanismo, fonte perfeita de paradigmas em que muitas teorias vão buscar fundamento ou exemplaridade. E tal não é o caso apenas da psicanálise de Freud ou da Antropologia de Lévi-Strauss, fundadas sobre apropriações do mito e da história de Édipo, mas também de muitas outras teorias contemporâneas, fundadas sobre o Édipo como também sobre a razãoocrática ou a taxonomia aristotélica. Percebamos, portanto, que o caso das delimitações metodológicas mapeadas a partir de Tucídides, Sófocles ou no século V em geral, pretendem descrever não apenas a visão de fronteiras metodológicas no próprio contexto originário, mas também e especialmente as fronteiras da identidade epistemológica, disciplinar e acadêmica contemporânea, em busca de referências inclusivas que dêem nexoclásico à tradição, cooperando com esta na realização de seus fins programáticos. É como vemos Tucídides e nós autores modernos, entre fronteiras teórico-metodológicas, antigas, modernas e contemporâneas; ele, em algum lugar entre seu texto e tantas representações, os autores modernos, cruzando épocas e estendendo as fronteiras de seu método e de sua epistemologia.

NOTAS

¹ Cf. GASTAUD, Carla. *Recepção, imagens e funções de Tucídides na historiografia do século XIX: os casos de J.G. Droysen e Langlois e Seignobos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História UFRGS-IFCH, Porto Alegre, julho de 1998 e WHITE, Hayden. *Meta-Histórica do Século XIX*, São Paulo, EDUSP, 1995.

² COCHRANE, Charles Norris. *Thucydides and the Science of History*. London, 1929.

³ LUCE, Torry James. *The ancient historians*. 1997.

⁴ MOMIGLIANO, Arnaldo. “History between Medicine and Rhetoric”, In *VIII Contributo alla storia degli studi classici*. Roma, 1987, pp. 13-25; MOMIGLIANO, Arnaldo. “Les Fondations du savoir historique”. In *Histoire*. Paris, Les Belles Lettres, 1992; MOMIGLIANO, Arnaldo. “Essays in ancient and modern historiography”. In *Blackwell’s classical studies*. Oxford, Blackwell, 1977; MOMIGLIANO, Arnaldo. *Studies in historiography*. London, Weidenfeld and Nicolson, 1966; ROMILLY, Jacqueline de. “La construction de la vérité chez Thucydide”. In *Conferences, essais et leçons du Collège de France*. Paris, Julliard, c1990; ROMILLY, Jacqueline de. In *Histoire et raison chez Thucydide*. (Collection d’études anciennes). Paris, Les Belles lettres, 1956; LIMA, Paulo Butti de.

Francisco Marshall

L'inchiesta e la prova: immagine storiografica, pratica giuridica e retorica nella Grecia classica. Torino, Einaudi, 1996. (Piccola Biblioteca Einaudi, 635).

⁵ FINLEY, M.I. *A História Antiga.* Martins Fontes, São Paulo, 1994, p. 74.

⁶ KNOX, B.M.W. *Oedipus at Thebes.* New Haven, Yale U.P., 1957 (reeditado em 1998), passim.

⁷ MARSHALL, Francisco. *Saber, Verdade e Poder na Tragédia Édipo Tirano de Sófocles.* São Paulo, FFLCH-USP, 1996 (no prelo EDUnB/EDUFRGS como *Édipo Tirano: Tragédia do Saber*).

⁸ Cf. GREIFFENHAGEN, Gottfried. *Der Prozess des Ödipus.* Hermes, vol. 94, n.º 02, 1966.

⁹ JONES, John. *On Aristotle and Greek Tragedy.* Stanford, Stanford U.P., 1980.

¹⁰ CORNFORD, Francis MacDonald. *Thucydides Mythistoricus.* University of Pennsylvania Press, 1971 [Edward Arnold, 1907].

¹¹ Cf. PIRES, Francisco Murari. *Mito e História - Homero, Tucídides e os princípios da narrativa.* Tese de Livre-Docência, São Paulo, FFLCH-USP, 1995.